

Economia.

Águia Branca e Itapemirim podem se fundir
Pág. 29

EDITORA:
ELAINE SILVA
ecferreira@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8327
agazeta.com.br/dinheiro

gazetadinheiro

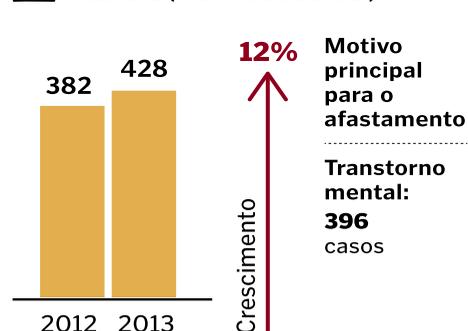
VIDA PROFISSIONAL PREJUDICADA PELAS DROGAS

DROGAS QUE MAIS AFASTAM OS TRABALHADORES

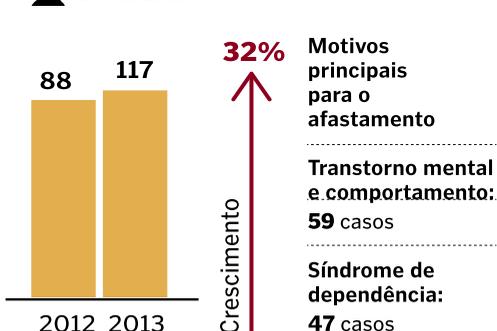
Em um ano, subiu em 14% os pedidos de auxílio-doença por viciados em álcool, cocaína e crack



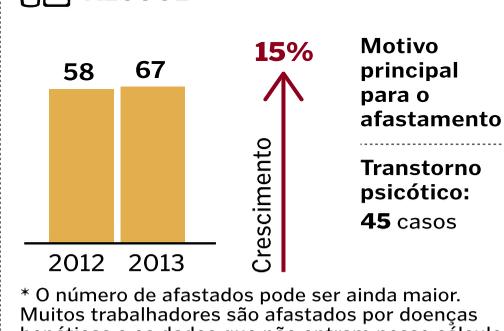
CRACK (70% dos casos)



COCAÍNA



ÁLCOOL *



A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

AFASTADOS PELO INSS

DROGAS TIRARAM 618 DO EMPREGO EM 2013

O crack foi responsável por 70% dos auxílios concedidos

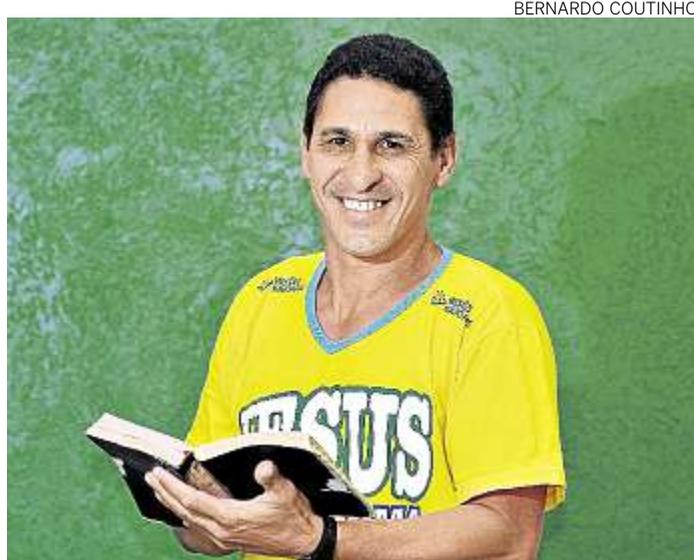
REDAÇÃO MULTIMÍDIA

Considerado uma epidemia, o uso de drogas em oito anos mais que triplicou o número de afastamentos por auxílio-doença no Brasil. No Espírito Santo, de 2012 para 2013, saltou em mais de 14% a quantidade de segurados do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) que precisaram se ausentar do emprego para tratar, principalmente, o vício em crack, álcool e cocaína.

Esse cenário tem se agravado ao ponto de fazer com que alguns trabalhadores nunca voltem às atividades, aposentando-se por invalidez.

Além do vício, essas pessoas apresentam doenças crônicas e irreversíveis, como cirrose, outras doenças hepáticas, transtornos mentais e comportamentais.

No Estado, em 2013, foram 618 afastamentos relacionados a drogas: 78 casos a mais que 2012. Só o crack correspondeu a 70% das licenças do ano passado. No Brasil, em oito anos, a soma



BERNARDO COUTINHO

“Depois de muito tempo afastado do trabalho me sinto preparado para voltar à ativa. Graças a Deus não perdi a minha capacidade de trabalhar”

—
GUIOMÉDICE PAIXÃO
EX-USUÁRIO DE DROGAS RESGASTADO PELA CRISTOLÂNDIA

de auxílios concedidos a dependentes químicos passou de 1 milhão. Em 2013, foram 143.451 casos.

A quantidade é considerada até pequena por especialistas. O perito e chefe do setor de Saúde do Trabalhador do INSS no Estado, Julius Caesar Ramalho, diz que muita gente tem vergonha de se afastar do trabalho ou medo de perder o emprego.

As pessoas que mais procuram ajuda são dependentes químicos internados em clínicas de recuperação. “Muitas perícias para a concessão do auxílio-doença chegam a ser feitas no ambiente hospitalar”, explica.

Internos ou trabalhadores que continuam em suas casas passam por uma rigorosa avaliação antes de receber o auxílio, que vai de R\$ 724 a R\$ 4.390,24.

Em média, o INSS paga benefícios de R\$ 1.058.

No Estado, o afastamento dura, em média, de 60 a 90 dias, tempo considerado suficiente pelo INSS para que a pessoa passe pelo período de abstinência e retorne à rotina.

LICENÇA

Na Missão Batista Cristolândia, em Vitória, muitos internos dependem do au-

xílio-doença para sobreviver e para sustentar as famílias. No projeto há 70 pessoas envolvidas com os trabalhadores. A maioria é de pessoas em tratamento.

O coordenador do programa no Estado, o pastor Josias de Freitas, disse que alguns resgatados pelo projeto dispensam o benefício para não cair em tentação. O ex-fotógrafo Guiomédice Gomes Paixão, 43, está pronto para requerer o auxílio-doença, mas teme uma recaída ao ter o dinheiro em mãos.

Por conta do vício em crack, ele perdeu carro, casa, família e um estúdio, famoso na década de 90. Hoje, ele trabalha de secretário na Cristolândia. “Graças a Deus não perdi minha capacidade de executar atividades do dia a dia. Por isso, além de trabalhar no escritório do projeto, conserto computadores e faço outras tarefas. Sinto-me preparado para voltar ao trabalho”. (Denise Zandonadi, Mikaela Campos e Rafael José)

ANÁLISE

Vivemos uma epidemia

“É visível o aumento no número de trabalhadores que buscam o auxílio-doença em consequência do uso de drogas, como álcool, crack, anfetaminas e metanfetaminas. O crack e o álcool são epidemias. Acredito ser necessário acompanhar o trabalhador para que ele possa receber o benefício e tratamento. Vemos um aumento no número de pessoas incapacitadas ao trabalho devido à dependência química, até de remédios usados com receita médica. Os programas para o controle das drogas não têm resultado positivo. É preciso encarar a situação de frente.”

—
JOÃO CHEQUER
MÉDICO NEFROLOGISTA E ESPECIALISTA EM DEPENDÊNCIA QUÍMICA